

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088

Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e O POVO se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

Fragmentos encobertos pelo tempo

Ana Paula Gomes Bezerra
apgb2018@gmail.com

Você sabia que, no bairro Messejana, em Fortaleza, existe um sítio com mais de duzentos anos, que guarda histórias sobre o Ceará? E que nesse sítio nasceu o escritor José de Alencar?

O Sítio Alagadiço Novo ficou famoso por abrigar o primeiro engenho movido a vapor do Estado e por ser a casa onde, possivelmente, nasceu o romancista José de Alencar, autor de obras como “Iracema” e “O Guarani”, entre outras.

Adquirido por seu pai, José Martiniano de Alencar, o sítio se tornou morada da família e passou por diversas modificações ao longo do tempo. Uma das mais importantes foi a instalação do engenho a vapor, o que aumentou a produção de aguardente e possibilitou a concorrência com a aguardente fabricada em Pernambuco, que era reconhecida como uma das melhores da época. Hoje, o engenho está em ruínas, mas é possível aprender mais sobre sua história e sobre as pessoas que trabalharam e passaram ali, a partir dos vestígios arqueológicos encontrados.

No que diz respeito à casa, ela passou por uma escavação arqueológica em 2023, com o objetivo de consolidar e fortalecer sua estrutura, já que sua construção ocorreu por volta de 1806. E também por ser um bem tombado e protegido por lei, a sua preservação é importante. Durante essa escavação, foi identificada uma lixeira atrás da casa, o que, à primeira vista, pode parecer irrelevante. No entanto, para os arqueólogos, o estudo dos objetos encontrados ali permite entender melhor as ocupações do local e, conseqüentemente, conhecer mais sobre quem habitou a propriedade.

As histórias dos diferentes grupos que passaram pelo sítio ao longo dos anos podem ser reconstruídas a partir dos vestígios encontrados nos estudos arqueológicos realizados em 1995, 2000 e 2023. Foram mais de dois mil fragmentos evidenciados, incluindo moedas, louças, vidros, tijolos, cartuchos de balas, cerâmicas e também cachimbos, que possivelmente foram usados por indígenas e pessoas negras, entre outros.

Ainda existem muitas histórias encobertas aguardando serem desenterradas.

Olhar sensível: uma conexão entre autismo e fotografia

Luana da Silva Lima
educacao@museudafotografia.com.br

A fotografia constitui uma forma significativa de expressão, especialmente relevante para indivíduos que enfrentam dificuldades na comunicação verbal. Essa linguagem visual pode ser explorada por meios digitais e artesanais. Tais práticas ampliam as possibilidades de criação, promovendo o envolvimento ativo do sujeito na construção de narrativas visuais.

A oferta de oficinas e cursos acessíveis voltados a pessoas neurodivergentes, como indivíduos no espectro autista, é fundamental. Essas práticas favorecem o desenvolvimento de aspectos como memória, afetividade e linguagem imagética, proporcionando outras formas de interação com o meio que vivem. Temple Grandin (2010), em sua abordagem sobre neurodiversidade, salienta: “O mundo vai precisar que todos os diferentes tipos de mente trabalhem juntos. Temos que desenvolver essas mentes”.

O Museu da Fotografia Fortaleza realiza semestralmente o Projeto Ampliando Olhares em parceria com Instituições que acompanham neurotípicos, buscando proporcionar essa fotografia mais acessível. De acordo com Temple o Transtorno do Espectro Autista (TEA) abrange diferentes níveis de suporte, com variações significativas nas habilidades comunicativas, sociais e comportamentais, para a cientista é uma forma diferente de pensar e processar informações.

A fotografia possibilita novas experiências perceptivas, contribuindo para o reconhecimento de si e do outro, e promovendo conexões mais profundas com o ambiente. A câmera, nesse contexto, atua como mediadora entre os mundos interno e externo, construindo realidades subjetivas. Segundo Boris Kossoy (2016), a fotografia é um processo interpretativo que revela um olhar particular sobre o mundo, estabelecendo uma ponte entre percepção e emoção. Dessa forma, ela se torna uma possibilidade de conexão e ferramenta de aprendizado.

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARES E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

De volta às cartas

Isathai Coelho
Professora de Língua Portuguesa e Literatura

Querida vovó,
Sei que a senhora, do alto dos seus 90 anos, é uma mulher moderna e deve estar estranhando receber uma carta em 2025.

Acho que já deve ter notado minha ausência nas redes sociais. Eu vinha postando cada vez menos, até desativar todos os meus aplicativos.

Não foi fácil tomar essa decisão inicialmente, pois eu não queria me sentir um peixe fora d'água. Mas eu não via mais sentido em ficar compartilhando cada passo da minha rotina com os outros. A gente estava vivendo só pra postar foto?

Agora é assim, quem quiser falar comigo que telefone ou mande carta. E vou fazer o mesmo com as pessoas que são importantes pra mim.

Aí vão umas fotos da minha casa nova. Estou feliz de verdade, cuidando das minhas plantinhas, meus bichos, lendo os livros que estavam encaixados na estante. E estou escrevendo também. Nada de digitação, é caneta e papel mesmo!

É isso, vó, quando a saudade apertar, escrevo de novo, telefone, ou quem sabe vou bater aí pra lhe dar um abraço apertado...

Um beijo da sua neta que sempre gostou da contramão.

Oh, sertão!

João Teles
Professor

Sertão do teú,
Da cobra-serpente
Da lua, do sol
Aquele inclemente
Onde o lavrador
Vai e deita a semente!

Sertão da moçoila
Menina morena
Que sorri e bebe
Na cuia terena
Que namora muito
Na rede, serena!

Sertão do cavalo
Do homem valente
Que pega na ponte
Do touro, temente
Mas leva pra casa
O bicho, contente!



Retorno da banheira e sede por audiência

Luis Carlos Santos
Ex-Correspondente O POVO

Recentemente, me senti vivenciando um tipo raro de *déjà-vu* televisivo: a “Banheira do Gugu” estava de volta. Sim, aquela mesma disputa aquática dos anos 1990, marcada por corpos molhados, trajes mínimos e muita água espirrando pelo palco, agora repaginada e alocada no Programa do Ratinho. A estratégia do SBT? Apelar para a nostalgia como forma de segurar a audiência e tentar reconquistar parte do público perdido ao longo dos últimos anos.

O quadro, consagrou Gugu Liberato e virou símbolo da TV popular de uma época sem filtros e repleta de exageros, retorna em um canal que, nos últimos anos, adotou um perfil mais conservador e familiar. Contradição ou

reposicionamento estratégico? Difícil dizer com precisão. O fato é que a decisão revela muito sobre os rumos atuais da televisão aberta brasileira: entre a crise de audiência, a concorrência com o *streaming* e o desejo de viralizar, vale até ressuscitar fórmulas antigas e controversas.

Mesmo exibida após às 22h, a atração ainda carrega consigo o debate sobre erotização, os limites do humor e o papel da TV como ferramenta de entretenimento popular. “O povo quer sacanagem. Barbaridade”, disse Ratinho antes da exibição do quadro. Talvez alguns queiram mesmo. Mas, no final, o que cabe é uma reflexão: a televisão também precisa decidir se continuará apostando em formatos datados ou se ainda acredita na força de entreter com criatividade, responsabilidade e inovação.

Franqueza

Anahí Gabriella
Ex-Correspondente O POVO

Eu tentei.
Juro pra você.
Tentei, tentei, tentei.
Juro juradinho.
Mas não deu.
Você não quis.
Não agora.
Não pra ontem.
E eu não podia esperar.
Não podia te ver sendo o amor de outras, esperando que um dia fosse o meu.
Você sabe,
eu não podia,
eu queria mais,
eu merecia mais.
Você quis o meu beijo,
eu te dei.
Você quis o meu corpo,
eu te dei.
Você quis o meu amor,
eu te dei,
foi seu.
Tudo seu.
Mas não foi suficiente,
não por hora.
Você queria mais.
Outras bocas,
outros corpos,
outros amores.
Mas não o meu,
não só o meu.
E não quis que outros me quisessem,
mas outros me viram,
e enxergaram o que você não enxergou,
e me deram o que você não deu,
e eu vi que podia mais,
podia ter mais,
merecia mais,
porque eu fazia demais.
Então, eu não posso,
não vou
ficar,
voltar.
Você tem muito pouco pra mim,
e eu tenho muito pra dar.



e eu vi que podia mais,
podia ter mais, merecia mais